

CARTAS DO PAIZ

ORFEU 2.º

Lisboa—Na minha ultima carta, comeci a contar-lhes a impressão profunda, extraordinaria, causada no meu espirito pelas agudissimas observações do poeta cubista pertencente á ala sagrada dos que têm os «olhos unguidos de Novo». Toda a vida julguei que os cafés eram logares atreitos á propaganda jacobina e que as suas mezas suavam democracia. Sem sequer lembrar as crônicas dos cafés do Palais-Royal, tão notaveis na Revolução, sem até consultar as tradições modernas do *Rat-Mort* de Montmartre, onde Gambetta e Floquet conspiraram contra o Imperio, eu conhecia—o que é não ser a historia feita por poetas cubistas, interseccionistas, futuristas e paulistas como os do *Orfeu!*—a lenda jacobina dos cafés do Rocio, por exemplo o do Nicola, e do Parra onde se preparou o movimento revolucionario de vinte. Agora mesmo, fala-se aterradamente, nos centros religiosos e realistas, da demagogica *Brazileira*, onde tem havido tiros que ferve e pancadaria que farte. Tudo, pura illusão! Enquanto ha sol, e o «dia brutal, provinciano e democratico» entra nos cafés, as suas mezas são

...ingratas
E duras, esquinadas na sua desgracia-
sidade
Boçal, quadrangular e livre-pensadora.»
(*Orfeu*, pg. 98.)

Mas, se lhes não dá o sol e as illumina o gaz, o poeta cubista diz que as mezas

«De livres pensadores, as mezas fluidi-
cas,

Diluidas,
São já como su catolicas e são como
eu monarchicas!»
(*Orfeu*, pg. 103.)

Já se vê, pois, que as mezas dos cafés, catolicas e monarchicas á luz do gaz, (tal qual o poeta), se tornam adesivas á luz do dia que é «brutal, provinciano e democratico», repugnando aos «olhos delicados, refinados, esgulos e cidadãos» dos vates futuristas: e, no dizer d'estes possantes genios, só o toleram, a esse dia de sol, os amigos d'elles que

«... gostam de vinho tinto,
De pèros ou de sardinhas fritas.»
(*Orfeu*, pg. 99.)

Já hontem referi como os meus olhos grosseiros, plebeus, redondos e

aldeãos, e portanto incapazes de penetrarem até onde alcançam os «olhos unguidos de Novo» dos grandes paulistas, se descerraram emfim á luz bendita do cubismo. Eu vi, como o poeta, as mezas ás cabriolas e as cadelras em sarabanda (pg. 101 do *Orfeu*) e saí do café, iniciado nas transcendencias sublimadas do cubismo. E tão impregnado já da sua luz divina que eu, cujos olhos jámais haviam attingido as poeticas superioridades reconditas do hotel chamado *Avenida-Palace*, gritei-lhe logo, quando, ao subir para a estação, lhe vi os muros de cantaria:

O' grande Hotel Universal
Dos meus freneticos enganos,
Com aquecimento-central,
Escrocs, cocottes, tziganos...

(*Orfeu*, pg. 98.)

Mas onde eu senti o que tem sido, até agora, de rasteira e baixa a minha alma de quem não pertence á legião alada dos futuristas, foi quando entrei na *gare*, e vi rolarem para os vagons, as pesadas carroças rodando carregadas de mercadorias. A's vezes, os fardos oleosos, ou os pipos frescalando fartum de vinho, ou os caixotes tresandando a petroleo, faziam-me engulhos. E, alheio á inicição poetica paulista, eu desconhecia os encontros secretos de

«Os grandes caixotes accumulados
As malas, os fardos—pêlé-mêlé...
Tudo inserto ao *Ar*,
Afeigoado por elle, separado por elle,
Em múltiplos intersticios
Por onde eu sinto a minha Alma a di-
vagar!...»

(*Orfeu*, pg. 100.)

Só hoje a intendo, a essa dominadora fascinação dos fardos e caixotes, e só agora como o yate cubista (pag. 100 do *Orfeu*), eu clamo n'um bravejado alvorogo de jocunda alegria:

—O' belleza futurista das mercadorias!
—Sarapilheira dos fardos
Como eu quizera togar-me de Ti!
—Madeira dos caixotes,
Como eu quizera cravar os dentes em
Ti!

Os meus dentes já não podem atirar-se assim como os dentes rilhadores dos cubistas, á madeira dos caixotes e até

Os pregos, as cordas, os aros...

Mas não me faltou vontade; e, moralmente, esmordacei, dentei, umas barricas de manteiga que bojavam da carreta d'uns carregadores. Como elles, os poetas divinos do cubismo, me transformaram a alma burgueza, e n'ella influiram a compreensão superior e transcendente da «belleza futurista das mercadorias!» Uma das características dos admiraveis vates é a vontade de morder, uma ancia de comer coisas estranhas. Ha um poeta no *Orfeu*, que se gaba de muito amante do progresso. E' elle que se descreve assim, a si proprio:

...Eu que amo a evolução moderna, eu
que beijo com alma as maquinas,
Eu o engenheiro, eu o civilisado, eu o
educado no estrangeiro...

(*Orfeu*, pg. 135.)

Pois esse futurista tão civilisado, por ser educado no estrangeiro (porque se o não fôra não passaria de um rude e um boçal como os leitores e eu), tem estas ancias gulosas e sublimes de futurista:

"O Primeiro de Janeiro" (art. de J. M. de Alpoim)
Porto 4 julho 1915



